



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12414 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVI Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd Nordeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT08 - Formação de Professores

FORMAÇÃO DE PROFESSORAS DO ALTO SERTÃO DA BAHIA

Maria Cláudia Meira Santos Barros - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

FORMAÇÃO DE PROFESSORAS DO ALTO SERTÃO DA BAHIA

GT 08

Palavras Chave: Formação de professoras; Escolas Normais; Alto Sertão da Bahia

1. INTRODUÇÃO

Este resumo apresenta brevemente a concepção de professoras sertanejas quanto a importância do Curso Normal para profissionalização da mulher e do desenvolvimento do Alto Sertão da Bahia, nas décadas de 1950 e 1960, num contexto sócio histórico marcado pelo patriarcado e machismo.

Como se sabe, a Bahia é um dos Estados mais extensos do Brasil, ocupando a 5ª posição, com uma área de 564 760,427. Nesse sentido, pode-se imaginar o quanto foi difícil a interiorização da educação baiana. A primeira Escola Normal do Alto Sertão da Bahia foi inaugurada em Caetitê e posteriormente, em outras cidades. As Escolas Normais foram legitimadas como espaços para a formação de professores de toda educação escolar, desde o Magistério para regentes do ensino primário e secundário até a habilitação para administração de escolas.

Buscando responder ao questionamento “qual concepção das professoras sobre a importância da Escola Normal, nas décadas de 1950 e 1960, para o desenvolvimento

e progresso da região e toda uma geração de sertanejos do Alto Sertão da Bahia? Para responder a essa questão utilizamos as rodas de conversa como instrumento capaz de possibilitar a narrativa memorial com fluidez e dialogicidade.

2. A FEMINIZAÇÃO DO MAGISTÉRIO

Dentre os séculos XVI e XVII em algumas regiões do Brasil, a maioria das mulheres não sabiam sequer falar a língua portuguesa e nem mesmo com a chegada da Família Real, em 1808, e as inovações culturais promovidas por Dom João VI, a educação feminina sofreu mudanças (SAFFIOTI, 1976).

Quando passa a ser permitido o ingresso de mulheres na escola, elas se depararam com um currículo diferenciado ao dos homens. A adoção de um currículo diferenciado para a educação das mulheres era justificada devido ao papel que era reservado as mesmas, numa sociedade de costumes patriarcais, machista e preconceituosa quanto à capacidade intelectual das mulheres. A inserção da mulher na escola em nosso país, foi marcada por muitas dificuldades devido ao machismo, a intolerância e menosprezo a no entanto, quando emerge na sociedade o interesse e necessidade do Estado moderno por mão-de-obra barata, facilmente se construiu um discurso que conciliava o papel da mulher à professora nata.

Assim, no início do século XX, não foi coincidência o discurso dirigido às mulheres como abnegadas, dedicadas, (CATANNI, 1997), uma vez que sua inserção ao Magistério foi uma forma de convocação das mesmas para assumirem uma profissão que não lhe abonasse a conduta e contribuísse com o acirrado sistema produtivo que se iniciava. Coube ao Estado a missão de convencer a população quanto à adequação feminina ao Magistério, cargo que sempre fora restrito aos homens.

A partir dos anos de 1920, o número de mulheres nas Escolas Normais, supera o número de homens (FARIA FILHO, MACEDO, 2004; LOURO, 1997), no entanto, o aumento da figura feminina no universo dos Cursos Normais trouxera problemas para os governantes, considerando-se que desde a primeira escola não se previa a presença feminina, mesmo que existissem determinações legais que asseguravam esse direito (DEMARTINI; ANTUNES, 1993). De acordo com Louro (1997), Demartini e Antunes (1993), o fato de poucos homens ocuparem o espaço da sala de aula, ou ao ocupá-lo ser por pouco tempo, se dava porque os mesmos eram convocados a exercerem cargos de diretor, inspetor, dentre outras funções que lhes davam poder.

A Escola Normal tornava-se um argumento de dupla importância, na medida em que era uma instituição que condensava um saber pedagógico vinculado tanto às aulas elementares propriamente ditas quanto à estrutura da administração da instituição pública estadual. A identificação social da mulher ao Magistério e a atuação dos agentes da política educacional foram de importância fundamental na construção de significados e imagens

positivas da figura da professora. O Magistério significava responder a uma determinação da sociedade, além de ser a única opção que se apresentava às mulheres das décadas de 40, 50 e 60 do século XX.

A Escola Normal da Bahia foi criada com o objetivo de habilitar pessoas para o ensino nas escolas primárias. Nessa perspectiva, a chegada da Escola Normal no interior baiano significou para as professoras/protagonistas, uma oportunidade de vislumbrarem o mundo e mostrarem sua capacidade de ir além das prendas domésticas, sendo vista como um grande acontecimento por toda a sociedade, pois a ela estava vinculado o sentido de desenvolvimento e progresso para toda a região.

A primeira Escola Normal passa a funcionar em Caetité, Alto Sertão da Bahia, em maio de 1898, no governo de Dr. Joaquim Manoel Rodrigues Lima. A criação da Escola Normal, em Caetité, se deu devido ao prestígio político de Dr. Deocleciano Pires Teixeira, pai de Anísio Teixeira. A cidade interiorana ficou conhecida como pioneira na educação regional ao inaugurar a primeira Escola Normal do Ato Sertão da Bahia e, por conta disso, foi identificada, durante muito tempo, como cidade polo cultural da região sertaneja da Bahia.

Apesar dos obstáculos existentes outrora, as narrativas das professoras/protagonistas das experiências vividas pelas mesmas, revelam que era desejo de muitos pais e reconhecimento valorizado pela sociedade para os que conseguiram estudar e se tornarem professores, em nosso caso normalistas. Tal elemento ressalta a concepção de importância da Escola Normal e seu papel social frente as possibilidades trazidas pela mesma, para o desenvolvimento e o progresso da região e toda uma geração de sertanejos.

3. AS RODAS DE CONVERSA COMO METODOLOGIA

As rodas de conversa se destacaram como importante fonte de pesquisa e dispositivo potente na produção de saber a partir da escuta atenta de narrativas memoriais de experiências vividas por mulheres sertanejas para estudarem e se tornarem professoras numa época onde a escola era para poucos e priorizava-se a educação dos filhos em detrimento das filhas.

As rodas de conversa possibilitaram e instigaram a memória em seu aspecto coletivo onde a construção e a reconstrução de conceitos, ideias e fatos se deram a partir da dialogicidade. Nesse sentido, as conversas pontos de partida para essa investigação, foram povoadas de modos distintos de ser, pontos de vistas - às vezes opostos - mas, sobretudo, uma forma de exposição às mudanças de incompreensão, de intraduzibilidade e de impotência (SKLIAR, 2018). Nesse sentido, os indícios dizem mais que o não dito, sobre os processos ocultos; sobre as pistas e sinais (GINZBURG, 1989) a que devemos nos atentar para “compreender a complexidade da vida cotidiana, pois na percepção dos detalhes podemos encontrar indícios aos quais devemos estar atentos” (REIS, 2014).

Assim, os procedimentos metodológicos possibilitaram uma articulação entre espaço e tempo, compreendendo a dinâmica das relações existenciais em busca de uma sabedoria de vida. Nas rodas de conversa, as histórias de vida de cada protagonista foram confrontadas com as demais, o que as levou a perceber várias dimensões da sua realidade de vida, aprendendo uma com as outras, desde os aspectos da formação da subjetividade individual e coletiva, interioridade e exterioridade, o papel da imaginação e da tomada de consciência.

Participaram da pesquisa 14 professoras que se formaram em Escolas Normais do Alto Sertão da Bahia entre os anos de 1950 e 1960, e que no ano de 2019, estavam na faixa etária entre 69 e 88 anos de idade e serão apresentadas aqui por nomes fictícios de plantas do sertão nordestino.

As rodas de conversa, foram de suma importância enquanto dispositivo para a busca de narrativas memoriais que deram visibilidade às histórias experienciadas pelas professoras/protagonistas de tal forma a contribuir com a produção de conhecimento da história da educação do Alto Sertão da Bahia.

A tabela abaixo, contém o codinome das protagonistas, o local onde nasceram e o nome da Escola Normal onde concluíram o curso de professora.

CODINOME	MUNICÍPIO DE ORIGEM	ESCOLA NORMAL/ MUNICÍPIO
Bromélia	Brumado	Escola Normal Rural de Caetité/ Caetité
Juazeiro	Lagoa Real	Escola Normal Rural de Caetité/ Caetité
Catingueira	Brumado	Escola Normal Rural de Caetité/ Caetité
Jurema	Barra da Estiva	Escola Normal Rural de Caetité/ Caetité
Carnaúba	Botuporã	Instituto Ponte Nova – IPN/ Wagner
Umbuzeiro	Brumado	Centro de Educação e Estudo Pedagógico – INEP/ Salvador
Angico	Brumado	Centro de Educação e Estudo Pedagógico – INEP/ Salvador
Xique-xique	Brumado	Curso Normal Dr. Pompílio Leite/ Brumado
Macambira	Ituaçu	Curso Normal Dr. Pompílio Leite/ Brumado
Mandacaru	Brumado	Curso Normal Dr. Pompílio Leite/ Brumado
Jitirana	Brumado	Curso Normal Dr. Pompílio Leite/ Brumado
Palma	Brumado	Curso Normal Dr. Pompílio Leite/ Brumado
Ipê Roxo	Livramento de Nossa Senhora	Colégio Estadual de Livramento – CEL/ Livramento de Nossa Senhora
Aroeira	Livramento de Nossa Senhora	Colégio Estadual de Livramento – CEL/ Livramento de Nossa Senhora

Imagem 01: Acervo pessoal, 2022.

A primeira roda de conversa aconteceu no dia 20 de janeiro de 2019, numa tarde de intenso calor, onde iniciamos uma animada conversa de posse de álbuns de formatura, imagens antigas da Escola Normal e dos municípios de Caetité, Caculé, Livramento e Brumado, uma série de memórias e sentimentos dos mais diversos, despontaram nessas mulheres.

A segunda roda de conversa ocorreu, no dia 14 de março de 2019, e foi organizada no intuito de registrar as memórias das professoras Carnaúba, Umbuzeiro e Angico. A experiência vivenciada por Carnaúba foi singular. Natural de Botuporã, esta professora cavalgou junto ao seu pai, negociante de gado da região, até o povoado de Itacira, atualmente Wagner, Chapada Diamantina, para estudar numa escola Presbiteriana, o Instituto Ponte Nova – IPN.

As professoras Umbuzeiro e Angico, por sua vez, narraram fatos do período em que estudaram em Salvador, na Escola Parque, projeto do educador Anísio Teixeira, coordenado por sua irmã Carmem Teixeira. Nessa oportunidade, aprenderam o método de alfabetização criado pela educadora Iracema Meireles, “A Casinha Feliz”.

A terceira roda de conversa, ocorreu no dia 18 de junho de 2019, na oportunidade, discutimos sobre o papel da mulher na sociedade e sua profissionalização na Escola Normal, bem como realizamos uma dinâmica para que pudessem escolher um codinome para a pesquisa.

A quarta roda de conversa aconteceu no dia 20 de setembro de 2019, data em que festejamos os cinquenta anos de formatura dos alunos da turma de 1969, do Curso Normal Dr. Pompílio Leite. A ideia desse acontecimento se deu durante as rodas de conversa e para isso, realizamos outros encontros para organizar o evento.

A quinta roda de conversa aconteceu no dia 13 março de 2020, tendo como objetivo confraternizar, expor e refletir sobre o material produzido até aquele momento da pesquisa – painéis com fotografias, livros, cadernos de recordação, diários, álbuns de formatura, exposição de porta retratos com fotografias de diplomas, e demais situações em que se encontravam as professoras/protagonistas.

As narrativas em rodas de conversa foram de fundamental importância para trilhar os caminhos da pesquisa descortinando aspectos como o contexto familiar, as experiências vividas, bem como para compreender as marcas identitárias, práticas político-pedagógicas e as mudanças perpassadas pela história da educação no decurso do tempo. Ao privilegiar as narrativas, tal perspectiva torna-se viva e instigante demandando em nós pesquisadores sensibilidade, astúcia, atenção às linguagens expressas na oralidade, como os gestos, os tons, os suspiros, o embargo da voz, o ritmo da fala, e a tudo que pode ser extremamente revelador e que muitas vezes se perde na escrita, sem contar que as narrativas desafiam os registros documentais, que muitas vezes representam os fatos de acordo com a perspectiva daqueles que detinham o poder.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas memoriais possibilitaram um novo olhar para os fatos do passado, os quais muitas vezes não estão registrados em documentos. Tais narrativas compõe a história

da Escola Normal no Alto Sertão da Bahia e foram possíveis graças a essas sertanejas que se dispuseram a participar da pesquisa narrando fatos e experiências de suas trajetórias enquanto estudantes e professoras, mulheres que reconheceram a importância da profissionalização que se deu nas Escolas Normais, numa época onde imperava o patriarcado.

As narrativas memoriais revelam o quanto as professoras/protagonistas reconhecem a importância da instalação das Escolas Normais e Cursos Normais no Alto Sertão da Bahia nas décadas de 1950 e 1960, quando eram vistas como a chegada do progresso, do desenvolvimento e uma oportunidade para as mulheres se profissionalizarem. Mulheres que foram responsáveis pela formação de toda uma geração de sertanejos.

REFERÊNCIAS

CATANI, D. et al. História, Memória e Autobiografia da Pesquisa Educacional e na Formação. In CATANI, D. et. al. (org) **Docência, memória e gênero: estudos sobre formação**. São Paulo: Escrituras Editora, 1997.

DEMARTINI, Zélia de Brito Fabri; ANTUNES, Fátima Ferreira. **Magistério primário: profissão feminina, carreira masculina**. Cadernos de Pesquisa, n. 86, p. 5-14, 1993.

FARIA FILHO, L.M. & MACEDO, E.F.P. **A feminização do Magistério em Minas Gerais (1860-1910): política, legislação e dados estatísticos**. Curitiba: Anais do III Congresso Brasileiro de História da Educação. 2004.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LIMA, M. M. L. Magistério e Condição Feminina. In: COSTA, A. A.; ALVES, Ívia. (Orgs.) **Ritos, mitos e fatos**. Mulher e gênero na Bahia. Salvador: NEIM/UFBA, 1997. p. 121-134.

LOURO, G. **Gênero e Magistério: identidade, história, representação**. In: CATANI, Denise Bárbara et. al.. (Orgs). **Docência Memória e Gênero: estudos sobre a formação**. São Paulo: Escrituras editora, 1997.

REIS Graça Regina Franco da Silva. **Por uma outra Epistemologia de Formação: conversas sobre um Projeto de Formação de Professoras no Município de Queimados**. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação – 2014.

SAFFIOTI, H. **A mulher sob o modo de produção capitalista**. Contexto, n. 1, São Paulo.1976.

SKLIAR, Carlos. Elogios a conversa. In: RIBEIRO, Tiago et al. **Conversa com a metodologia da pesquisa: Por que não?** Rio de Janeiro. AWWU, 2018.